



Histórias e notícias para a comunidade brasileira
que vive ou quer viver em Portugal.

MÚSICA

Danilo Caymmi e Ricardo Bacelar trazem canções de cangaceiro de Lampião em novo álbum

Com o cearense Ricardo Bacelar, Danilo Caymmi resgata as canções de Volta Seca, o cangaceiro compositor do bando de Lampião, num disco que tem lançamento simultâneo no Brasil e em Portugal em 16/10.

Hebert Neri

29 de Setembro de 2026, 13:46



Danilo Caymmi e Ricardo Bacelar trazem novo álbum com músicas do cangaço e canção inédita LEO SOARES/DIVULGAÇÃO



Ouçá este artigo

00:00

Voz gerada por IA

09:28

Durante a pandemia, [Danilo Caymmi](#) descobriu na internet, pelo canal do pesquisador sergipano Robério Santos, a história de Volta Seca, menino que entrou para o bando de Lampião aos 11 anos, saiu aos 14 e compôs canções que ele mesmo gravaria, anos depois, num LP de 1957. A descoberta levou Danilo ao repertório do jovem cangaceiro e, depois, a Ricardo Bacelar. O encontro dos dois músicos transformou

aquelas composições em *Volta Seca – Canções do Cangaceiro*, álbum que chega às plataformas em 16 de outubro, com lançamento simultâneo no Brasil, Portugal, Estados Unidos e Japão, e que traz ainda uma faixa inédita, nascida, por acaso, de um dia de chuva.

Depois das gravações, os dois tinham reservado um dia para "tomar banho de piscina e tomar cerveja", conta Bacelar. A chuva mudou os planos. "Como choveu, ficamos em casa e fizemos uma música." A ideia partiu de "um cangaceiro que nunca viu o mar", alguém que "vivía na seca". O letrista Luís Lima Verde recebeu a proposta e devolveu o que Bacelar chama de "pérola": quando finalmente chegasse ao litoral e visse "tanta água", o cangaceiro concluiria que "foi o mar que roubou essa água".

- [Quer receber notícias do PÚBLICO Brasil pelo WhatsApp? Clique aqui.](#)

A Água Que Faltou no Céu virou a única faixa inédita do álbum. Lançada como *single* em 17 de setembro, [ganhou um videoclipe dirigido por Gabriel Lage](#), em que as imagens permanecem em preto e branco até o momento em que o mar aparece, e a paisagem ganha cor. Filho de Dorival Caymmi, compositor que fez do mar um dos grandes temas de sua obra, Danilo acha graça na coincidência de ter cantado o primeiro encontro de um sertanejo com o oceano. "É engraçado isso", diz. "O mar é Caymmi. De alguma maneira tinha que aparecer."

O restante do álbum traz as canções de *Volta Seca* com nova roupagem. A exceção é a faixa de abertura, *Ia pra missa*, que preserva o arranjo original e aproveita a própria gravação de 1957 no fonograma atual. "O Ricardo fez uma montagem em que a gente canta uma música com o próprio *Volta Seca*", destaca Danilo.

O cangaceiro que compunha

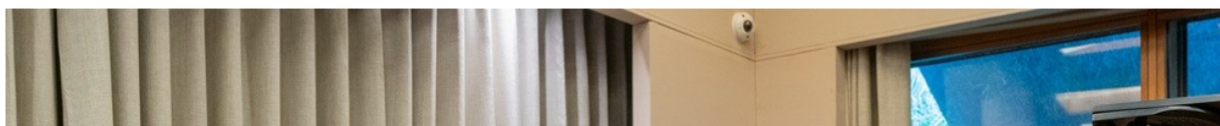
Antônio dos Santos ganhou de Lampião o nome pelo qual ficaria conhecido para sempre: *Volta Seca*. Em entrevista a um jornal carioca, em 1950, contou que o apelido foi uma homenagem de Lampião a um antigo integrante do bando, morto em combate na Fazenda Molumbu, em Pernambuco.

Danilo se envolveu tanto com a história que chegou a convidar Robério Santos, autor do canal *O Cangaceiro na Literatura*, para ir a Curitiba, onde mora. O que mais o intrigou foi o contraste entre as canções e a rotina do bando. "Como num ambiente tão violento, extremamente violento, porque era mesmo, existiam músicas?", questiona. Segundo ele, eram "músicas românticas, singelas". "Era uma criança compondo essas preciosidades", resume.

Um dos versos, sobre "cabelos anelados", ainda arranca risadas do cantor. "Me pareceu que ele estivesse falando da mulher do chefe do bando, que era Maria Bonita. Olha que perigo", brinca. Longe dos versos, a rotina era outra. "Ele era um menino. Ele tomava conta dos cavalos", lembra Bacelar.

O desafio do álbum

Danilo Caymmi, além de cantor e músico, é diretor-presidente da [Associação Brasileira de Música e Artes \(Abramus\)](#). Ricardo Bacelar, advogado e também integrante da entidade, conheceu o projeto durante os encontros que os dois mantinham em Brasília em torno das discussões sobre direito autoral no Congresso Nacional. Criada em 1982, a Abramus é uma entidade sem fins lucrativos de gestão coletiva que representa e defende os direitos de artistas, autores e outros titulares de obras e integra o sistema de gestão coletiva ligado ao Ecad.





Processo criativo do álbum passou por diversas etapas LEO SOARES/DIVULGAÇÃO

“Estávamos sempre nos encontrando nas lutas de direito autoral, no Congresso e tal”, conta Bacelar. Foi nesse contexto que Danilo lhe apresentou o repertório de Volta Seca. “Eu não conhecia o Volta Seca, apesar de ter uma experiência com o cangaço, porque sou advogado da família de Lampião há muito tempo”, lembra o produtor.

O interesse pelo material deu início a uma nova etapa: transformar aquelas gravações em um trabalho contemporâneo sem apagar sua origem. Foram meses de conversa até que os dois encontrassem uma maneira de como lidar com o repertório. “A gente demorou muito para achar essa abordagem”, diz Bacelar, que assina os arranjos.

Como as composições eram curtas, a dupla criou melodias em alguns trechos e recorreu à estética armorial. Também fez uma pesquisa de ritmos nordestinos, partindo da formação tradicional de sanfona, triângulo e zabumba. “Com esses três instrumentos, você faz uma orquestra”, explica. Sobre essa base, entraram sopros e sintetizadores. O objetivo era dar outra dimensão às canções sem perder “a essência da coisa, da música como ela foi feita”.

Flor numa mão, espada na outra

A imagem de Lampião ainda divide opiniões, e Bacelar sabe disso. “Tem um pessoal que acha que o Lampião era um bandido, outro que acha que ele era o herói”, diz. Para ele, o contexto era marcado pelo coronelismo, pela seca e por uma violência que não se restringia aos cangaceiros. “A polícia também era violenta, tanto quanto os cangaceiros”, afirma. Danilo [define o sertão daquela época](#) em poucas palavras: “Uma terra de ninguém”.

Os músicos não apresentam o álbum como comentário sobre o Brasil de hoje, mas não ignoram a miséria daquele tempo. Bacelar descreve uma realidade em que “todo mundo morre de fome, de sede”, com “pouca água, pouca comida”. Diante dessa complexidade, a dupla preferiu não tomar partido e

permanecer "na seara musical, simbólica e estética" do cangaço.

É nesse campo que Bacelar encontra uma das marcas mais fortes daquele universo. "Eles eram marqueteiros natos", diz. Com roupas cheias de detalhes e chapéus de couro, "pareciam os popstar". A aparência, porém, podia ter função prática. Bacelar conta que os cangaceiros usavam as sandálias ao contrário para deixar um rastro que confundisse os policiais. "É uma coisa incrível, a estética", afirma.

A capa do álbum carrega essa ambiguidade. Pintada pelo artista cearense Cadeh Juaçaba, mostra, segundo Bacelar, "numa mão uma flor e na outra, uma espada". "É o assassino e é o poeta ao mesmo tempo", define.

"Queria pegar o Jorge Amado"

Volta Seca passou cerca de 20 anos preso, fugiu duas vezes e acabou beneficiado por um indulto de Getúlio Vargas. Durante o período de prisão, recebeu visitas de Irmã Dulce e de Jorge Amado, que havia se inspirado nele para criar um personagem de *Capitães da Areia*, romance publicado em 1937. A referência não agradou ao cangaceiro. "Volta Seca ficou irritadíssimo", conta Bacelar. Danilo lembra a reação: "Queria pegar o Jorge Amado. Ele não gostou do livro".

Em liberdade, Volta Seca mudou-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou na Estação Barão de Mauá e, segundo Bacelar, "era amigo de todos os jornalistas da época". Colaborou com o filme *O Cangaceiro* (1953), de Lima Barreto, dando seu testemunho sobre a vida no cangaço, e só em 1957 gravou as próprias canções.





Músicos participantes do álbum *Volta Seca* — *Canções do Cangaço* REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

De Fortaleza a Lisboa

Danilo começou há poucos dias a montar o espetáculo do novo álbum, que estreia primeiro no Brasil. "Há uma necessidade, que eu sinto daqui, de as pessoas terem conhecimento dessa face cultural, sociológica, importante no Brasil, que foi o cangaço", afirma. Portugal, país de que Bacelar também é cidadão, está no radar da dupla, entre possibilidades de lugares para ir com a turnê, e Danilo já tem endereços em mente. "Vamos chegar, se Deus quiser, ou no Tivoli ou na Casa da Música, no Porto. Acho que um palco grande é bom."

O desafio, brinca Danilo, é tirar o parceiro do estúdio. "Ele se esconde no estúdio, não sai. Você chega e ele está fazendo um disco com um angolano, com um cara da Croácia." Bacelar confirma: "É porque eu faço muitos discos." À frente da Jasmin Music, diz ter lançado "400 e poucos fonogramas" em cerca de quatro ou cinco anos. E já fala em repetir a parceria, "se Deus quiser". Sobre a turnê, não esconde o entusiasmo: "Estou super feliz com essa possibilidade de ir para a estrada com o Danilo. Estou muito feliz mesmo".

"O computador não sente dor"

A defesa do direito autoral, que aproximou os dois em Brasília, ganhou um novo front com o avanço da inteligência artificial. Para Danilo, a principal questão é distinguir uma obra criada por IA de uma composição humana. É o problema que diz levar sempre às reuniões: "A maneira de você fazer identificação do que é uma obra, vamos dizer assim, feita por inteligência artificial, e uma obra normal".

O tema é recorrente nas discussões do Ecad e, na avaliação do cantor, pode ficar ainda mais complexo com a computação quântica. "Vai ter o Beethoven um, o Beethoven dois, o Beethoven três. A identificação disso é que é o problema." Danilo reconhece que a área terá de se adaptar, mas pede atenção constante. E resume o cenário: "A mentira é a nova verdade. É uma loucura."

Bacelar leva a discussão para o campo artístico. "A composição é um gesto, é um fluxo emocional, e esse fluxo é humano. O computador não sente dor nem alegria, então não tem como criar." Ele não defende barrar a tecnologia, mas quer que o público saiba quando uma música foi produzida por IA, com uma identificação semelhante à usada em produtos transgênicos. "Eu quero uma música de verdade, essa música aqui. Então tem um selo." Para ele, existe ainda um "direito à realidade": "A realidade é a gente ir pegar um violão, uma flauta, ir para debaixo de uma árvore, tomar uma cachaça e cantar".

